



"A firmeza produz a esperança" Rm 54

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Valles
João Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Luz
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Ana Marta Brito
Leonor Balcão Reis
Pedro Paulino
Susana Carreiro
Tito Paulino

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

50 anos na Tua Palavra

4 **INTRODUÇÃO**

11 **PARTE I** | Quaresma

12 Introdução

15 4ªF Cinzas

19 1º Dom Quaresma

24 2º Dom Quaresma

29 3º Dom Quaresma

33 4º Dom Quaresma

37 5º Dom Quaresma

43 **PARTE II** | Semana Santa

44 Introdução

47 Domingo de Ramos

51 5ªF Santa - Ceia do Senhor

55 6ªF Santa - Paixão e Morte do Senhor

60 Vigília Pascal

65 **PARTE III** | 50 anos na Tua Palavra

66 Introdução

70 Pistas celebração do Jubileu

80 Carta de António Velasco à FaMVD

82 Mensagem para a Quaresma de Bento XVI

84 Reflexões

86 Próximas actividades da FaMVD

Quaresma: deixar que o melhor daquilo que já somos se revele

De 5 Janeiro 2012 a 25 Março 2013 celebramos o 50º Aniversário da criação do Carisma Verbum Dei.

Como o Padre Tolentino Mendonça escreve no seu livro “O Tesouro Escondido”, “A vida espiritual não é uma questão de portas, mas de janelas (Paul Claudel). Não se trata de sair do que sou ou de buscar na exterioridade a solução, mas de abrir as janelas e deixar o ar de Deus entrar, deixar circular o vento do Espírito.”

Sempre que a Igreja celebra um ano jubilar (50 anos), a celebração desse tempo inicia-se com um gesto simbólico: a abertura da porta santa da Basílica ou Catedral. Como a porta de uma Basílica ou Catedral é grande e pesada, e por ela podem passar imensas pessoas ao mesmo tempo, a ideia de Paul Claudel ao afirmar que a vida espiritual não é uma questão de portas mas sim de janelas é mais “humana”, mais próxima do coração... e o Padre Tolentino Mendonça é sábio ao acrescentar que “não se trata de sairmos daquilo que somos” mas de deixar Deus entrar naquilo que já somos.

Celebrar 50 anos da criação do Carisma Verbum Dei é uma grande graça porque, para a Verbum Dei existir nos moldes em que existe actualmente, foi preciso muitas pessoas concretas deixarem abrir dezenas e dezenas de vezes as janelas do seu coração ao Espírito do Senhor.

Se é verdade que foi graças à abertura de espírito do fundador Jaime Bonet que a Verbum Dei começou, o carisma não teria evoluído como evoluiu sem a enorme abertura de espírito que caracteriza tantos consagrados e leigos Verbum Dei. Abrir a Bíblia não basta, é necessário a humildade para nos deixarmos transformar naquilo que intuímos na Palavra do Senhor para que a Verbum Dei seja aquilo que é hoje em

dia e isso é de agradecer ao Senhor!

Iniciamos agora este tempo privilegiado que é a Quaresma... é um tempo aparentemente mais triste do que o Advento, mas é um tempo especial para nos encontrarmos conosco próprios e com o Senhor.

Não são raras as vezes que lemos testemunhos de pessoas que passaram por situações muito difíceis de morte, de doença, até mesmo de desemprego e, uma vez ultrapassado esse obstáculo, olharam para trás e reconheceram que “o mal veio por bem”, que a situação de dor acabou por os salvar...

Lembro-me do testemunho de uma senhora que ultrapassou um cancro e que chegou à conclusão de que a doença a tinha ajudado a valorizar muito mais a vida, os pequenos nada, a não se sentir amargurada no meio da abundância...

Lembro-me de uns pais de uma criança com Síndrome de Down dizerem que esse filho tinha vindo salvar a sua família...

Lembro-me de uma pessoa que, ao ficar sem trabalho e não conseguir nada na área em que trabalhava, seguiu outro ramo completamente distinto e sentiu-se mais realizado por ser um velho sonho finalmente cumprido...

Tenho sentido, ultimamente, a serenidade das “travessias do deserto”, tenho saboreado a escuridão e o silêncio das “travessias dos túneis”... porque depois da dificuldade e da dor dessas travessias, chego à conclusão que me encontro melhor na minha pele... porque caminhei mais um bocadinho, porque cresci outro bocadinho e, ao ficar mais madura, sou mais feliz e ajudo os outros a serem mais felizes também... aquela felicidade menos exuberante mas mais profunda, mais duradoira, mais conciliadora...

A Quaresma tem um encanto que o Advento não tem: não temos que andar nas compras de Natal, não estamos a

chegar ao Inverno mas estamos a sair dele e a chegar à Primavera, os dias começaram a ficar mais compridos, podemos libertar-nos das comidas e atitudes que não nos ajudam, que só servem para nos engordar e aumentar o nosso ego, podemos olhar para as pessoas que ao nosso lado precisam da nossa ajuda e sentirmo-nos úteis, e podemos conversar mais com o Senhor, desabafar mais, ficarmos mais leves ao deixarmos que o seu Espírito fresco entre na nossa vida...

Sim, a Quaresma é um tempo de oportunidades e não de sacrifícios!

Ultimamente fala-se imenso de educar para o positivismo e aqueles que somos pais podemos constatar que nem sempre é numa atitude positiva que repreendemos os nossos filhos...

Pois bem, a Quaresma trata-se exatamente de um tempo privilegiado de parar e olhar com esperança para a vida que ambicionamos viver... trata-se de parar para abrirmos as janelas do nosso coração de par em par ao Senhor!

Nós, cristãos, somos uns sortudos por termos sempre Alguém que nos ama acima de tudo e de todas as nossas imperfeições. A Quaresma é um tempo único para deixarmos tudo de bom, que existe em nós, vir ao de cima...

Tenho imensa pena quando nós, cristãos, vivemos mais tristes e culpabilizados do que os agnósticos... se a fé não nos traz felicidade, para que nos servirá...? Tenho pena de todas as vezes que saímos cabisbaixos da missa, quando não ficamos pacificados interiormente quando comungamos... que diferença faz, então, levarmos o Espírito do Senhor no coração...?

Que esta Quaresma nos traga tudo de bom... não no sentido de nos correr tudo bem, porque isso não é possível nem natural, mas no sentido de nos esvaziarmos do que nos

pesa, do que nos impede de irmos mais longe pelos outros e pelos nossos sonhos!

“Não se trata de sair do que sou ou de buscar na exterioridade a solução” mas sim de deixarmos o melhor de nós mesmos revelar-se...!



Quem procura?

De procuras e encontros (e também alguns desencontros!) se vai escrevendo a nossa história. Revelamos tanto em tudo o que procuramos. Por isso também gosto muito de olhar para os magos que chegam ao presépio como representantes da procura humana que se agita dentro de nós. Procuramos mais felicidade, mais realização, mais conhecimento, mais amor. Não se trata de uma mera insatisfação porque nos maravilhamos com o que alcançamos, mas é como se um dinamismo maior do que nós nos habitasse. O problema é quando se transforma a procura na ânsia desmesurada de “ser deus” e não agradecemos nem saboreamos o que já alcançamos!

Quantas vezes procuramos fora de nós aquilo que está tão íntimo e próximo! Santo Agostinho di-lo nas suas Confissões: “Tarde te ameí, beleza tão antiga e tão nova, tarde te ameí! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem. Chamaste, e clamaste, e rompestes a minha surdez; brilhaste, cintilaste, e afastaste a minha cegueira; exalaste o teu perfume, e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te, e tenho fome e sede; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da tua paz.” Procuramos longe o que está perto, como também diz Sophia de Mello Breyner Andresen, num poema sobre a estrela que guiou os magos.: “Quanto deserto / Atravessei para encontrar aquilo / Que morava entre os homens e tão perto”. No meio de todas as procuras não podemos esquecer a do nosso universo interior, aquela que faz descobrir riquezas incontáveis no íntimo de cada pessoa.

Mas o que verdadeiramente me espanta é que Deus também nos procure. Mais do que o “motor imóvel” de Aristóteles revela-se como Pai a lançar-se nos braços do filho pródigo, como Filho a pisar os nossos caminhos de terra e flores, como Espírito que sopra e semeia incêndios de amor. É d’Ele que aprendemos a alegria de procurar uns com os outros, de potenciar os dons diversos e tão interdependentes, de fazer a festa do encontro. É com Ele que vencemos o medo (até o medo de errar e de nos perdemos), que celebramos o esforço e promovemos a iniciativa, que recusamos as teias de aranha e a tentação fácil de condenar. É n’Ele que cada dia pode encher-se de descobertas e o que é pequeno e frágil ter uma beleza imensa. Que outro e novo caminho trazemos do Natal acabado de celebrar? Como se pode traduzir numa procura maior o encontro com Jesus Emanuel, o Deus-connosco? Queremos mesmo procurar?

P. VÍTOR GONÇALVES (Voz da Verdade 08.01.2012)

parte I Quaresma

Um caminho de Esperança

Parece que o tempo da Quaresma tem muito a ver com as circunstâncias que estamos a viver. No mundo da política e das finanças estão sempre a falar-nos de austeridade, de sacrifício, de... Por isso, se calhar este ano, por termos este contexto social que nos envolve, possamos compreender e viver melhor este tempo que todos os anos a Igreja nos propõe, e que muitas vezes só gostamos que passe a correr para entrar na alegria da Páscoa.

Se fizermos um paralelo com o que acontece a nível mundial, podemos aprender muito. Quando excedemos as nossas possibilidades e necessidades, tudo fica desequilibrado, gastamos mais do que temos, ficamos endividados, não temos segurança, sentimos medo e o futuro parece um buraco preto, como um túnel sem fim. Ao nível espiritual e da fé acontece o mesmo: pensamos que sozinhos podemos, que temos força e capacidade, e entramos num caminho de orgulho que provoca em nós desprezo pelos outros, queremos estar sempre por cima. Deixamos de partilhar, tornamo-nos egoístas, insensíveis...

Para resolver a crise económica, os governos devem tomar medidas duras e radicais, e muitas delas impopulares. Dizem que temos que fazer cortes, que temos que trabalhar mais e ganhar menos, gastar só no que é fundamental, que não podemos abusar das coisas e para valorizá-las devidamente temos que as pagar, que temos que ter paciência, que não se resolve em dois dias... Todas estas medidas são propostas para chegar a bom porto, para poder ter de novo um bem-estar social.

Se voltarmos de novo à vivência espiritual, este tempo de Quaresma também nos convida a uma série de medidas que para alguns são também impopulares. A Igreja aconselha a fazer cortes nos abusos e, por isso, fala do jejum. Propõe entrar num ritmo de silêncio, de escuta dos valores verdadeiros e, por isso, convida-nos à oração. E para não desequilibrar a fraternidade de uns terem e outros não, indica-nos uma atitude de partilha generosa. E isto não é para o fazer num dia nem em dois, são para começar 40 dias, com as suas 40 noites, são passos no dia-a-dia, com paciência e perseverança, é um caminho lento mas contínuo, que cria em nós uma vivência pacificadora, centrada no fundamental, interiorizada, transformadora por dentro e expressa exteriormente em ajudas fraternas.

Esta Quaresma pode ser vivida em uníssono com a nossa vida social que, na verdade, é como devíamos viver tudo, porque o caminho de fé deve iluminar sempre o caminho da nossa própria vida. A Igreja, que é muito boa conselheira, convida-nos a viver na Quaresma atitudes que não são destrutivas, nem frustram os nossos desejos de felicidade. Pelo contrário, ajuda-nos a conseguir a autêntica felicidade desde a renúncia, a simplicidade, o partilhar o silêncio e a interiorização. Passemos tudo isto para a nossa vida de estudo, de trabalho, para a nossa vida familiar e social e, seguramente, tudo correrá muito melhor.

Assim, nós, cristãos, teremos certamente respostas para as situações que o nosso mundo está a viver.

A quem iremos?

Qualquer pessoa que não queira viver alienada, deve saber manter-se vigilante perante os possíveis erros que pode cometer na vida. Uma das maiores heranças de Jesus é a de poder oferecer, a quem o conhece e segue, a possibilidade de ser cada dia mais humano. Em Jesus podemos encontrar o grito de alerta perante os erros das pessoas e da sociedade.

É um equívoco considerar a satisfação das necessidades materiais como o objetivo absoluto. Segundo Jesus, ainda que seja importante conseguir esta satisfação, não é suficiente. O homem vai-se fazendo humano quando aprende a escutar a Palavra do Pai que o ensina a viver como irmão. Descobre então que a felicidade está em partilhar e não possuir, dar e não guardar, criar vida e não explorar.

Também nos equivocamos quando procuramos o êxito pessoal acima de tudo e a qualquer preço, mas o homem não acerta quando vive na rivalidade, mas sim no serviço generoso.

Estamos de novo equivocados quando tentamos resolver os problemas sem riscos, sem lutas, sem sacrifícios, sem renúncias, querendo que Deus resolva tudo magicamente.

Segundo Jesus a verdadeira fé é arriscar-se cada dia no esforço por conseguir uma sociedade mais justa, livre e fraterna, que é o que nos ajudará a ser felizes.

Jose Pagola, "A quien iremos"

A Graça do Senhor ilumina o nosso caminho

Joel 2,12-18 «Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles; de outro modo, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está no Céu. Quando, pois, deres esmola, não permitas que toquem trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo: Já receberam a sua recompensa. Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita, a fim de que a tua esmola permaneça em segredo; e teu Pai, que vê o oculto, há-de premiar-te. Quando orardes, não sejas como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te.» Mt 6, 1-6

A 4ª Feira de Cinzas é como um caminho que nos faz recordar que temos uma meta e é preciso não parar, não ficar à beira do caminho mas sim caminhar até chegar ao fim.

Durante este caminho há sinais que ajudam e facilitam. São momentos de graça de Deus que iluminam, tiram obstáculos, marcam a generosidade, a bondade, o amor com que temos que seguir pela vida.



Como todos os anos, o tempo da Quaresma chega com uma chamada de atenção para a nossa vida. Convida-nos a fazer uma paragem no nosso caminho para nos fazermos mais conscientes de que o Senhor está aí, Ele vem ter connosco, e convida-nos a renovar o nosso compromisso de amor e fidelidade para com Ele.

A Quaresma relembra-nos, em primeiro lugar, que a nossa vida é um caminho: temos uma meta, um destino e não podemos parar ou determo-nos no caminho! É importante escutarmos a Palavra do Senhor, que nos indica se estamos na direcção certa ou se nos desviámos, sabendo que um pequeno desvio pode deixar-nos muito longe da meta.

As leituras deste dia convidam-nos à conversão: voltar o nosso olhar e o nosso coração para Deus. Como nos diz S. Paulo: “reconciliai-vos com Deus”: é Ele quem nos reconcilia, quem nos cura; é obra Sua, é o Seu dom para o pobre e humilde.

O primeiro passo é reconhecer o nosso pecado; reconhecer que, seguindo os nossos próprios caprichos, metemo-nos por caminhos enganadores; que no nosso coração ainda há zonas obscuras que precisam de ser iluminadas pela luz da Palavra... Há zonas em que domina o orgulho, a inveja, os sonhos de ser ou poder mais do que os outros... que precisam de se abrir ao amor misericordioso e curador de Deus. Por isso, é tempo de intensificar a nossa oração.

Uma relação renovada com Deus levar-nos-á a renovar também a nossa relação para com os outros. Não há conversão a Deus sem conversão aos irmãos.

Uma sociedade onde há tantas desigualdades, em que muita gente vive o drama do desemprego e sofre de tantas formas, exige de nós uma resposta desde o nosso compromisso evangelizador. A Quaresma é um momento bom para rever este compromisso e actualizá-lo: como anunciamos Jesus, nos diferentes âmbitos da nossa vida? Como somos testemunhas do amor de um Deus que dizemos conhecer e tratar familiarmente?

Mas, acima de tudo, a Quaresma é um tempo especial de graça, em que a misericórdia de Deus se volta sobre nós, sobre cada um dos Seus filhos. Por isso, temos de começar por abrir os olhos, levantar o olhar, apurar o ouvido... e sermos capazes de descobrir que o amor e a ternura de Deus, brandamente, silenciosamente, cobrem a nossa história, abraçando-a, resgatando-a, curando-a, devolvendo-nos continuamente a nossa esperança, a nossa liberdade e a nossa dignidade de filhos.

Oxalá sejamos capazes de acolher esta graça salvadora e deixemo-nos transformar por ela, para que, à imagem de Jesus, possamos chegar à Páscoa como Homens novos e renovados!

A Cinza

A Quaresma começa com um gesto entranhável: a cinza.

Não é que os cristãos sejam masoquistas. Não se trata de colocar cinza sobre tudo o que brilha e arde, para não nos arriscarmos a disfrutar de ver a luz. Não, a cinza é memória de tudo o que se queimou por amor, memória do que não guardou no coração intacto, apodrecido no seu egoísmo. A cinza sugere que a mais alta dignidade do ser humano é a sua capacidade de gastar-se, queimar-se, de consumir-se, amando. Queimar-se e arder. O problema é conservar-se e não arder.

Quando vemos cinzas, ainda que estejam escuras, sem calor e pareçam apenas sujidade, indicam que houve fogo, calor, pureza, porque o fogo que queima purifica e limpa, aquece e ilumina.

Estas são as cinzas da Quaresma, não um despojo frio de uma fogueira perdida, senão um resto que nos fala de vida, da vida que nos espera como meta de um caminho que é a Quaresma, 40 dias que, por outro lado, é toda uma vida.

Anónimo

Um amor maior – saber perdoar

- Gen 9, 8-15 «Em seguida, o Espírito impeliu-o para o deserto.
- Sal 24 E ficou no deserto quarenta dias. Era tentado por Satanás, estava entre as feras e os anjos serviam-no.
- 1 Pedro 3, 18-22 Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: "Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho".» Mc 1, 12-15

Será que consigo desenvolver um amor tão grande que me convide a amar não só o meu irmão, mas amar juntamente com ele as suas circunstâncias e dificuldades, aqueles que ele ama?

De que fonte posso encontrar um amor que supere a minha própria capacidade de amar?



artilho convosco uma série de questões que me surgem ao rezar este 1º Domingo da quaresma, muitas das quais ainda não respondi também...

No Antigo Evangelho, eram muitos os sinais de Deus entre o povo. Conforme diz no Génesis “coloquei o meu arco nas nuvens, para que seja o sinal da aliança entre mim e a Terra”. Que sinais concretos desta aliança de amor consigo reconhecer na minha casa, no meu trabalho, de férias, na comunidade, nas tristezas e desilusões?

Depois de Baptizado, “o Espírito impeliu Jesus para o deserto”. E a mim, quem ou o que é que me impele no meu dia-a-dia? No deserto damos real valor àquilo que é essencial na nossa vida e que não reconhecemos na névoa de todas as coisas que nos rodeiam. Coisas que nos prometem soluções fáceis para a vida, mas que consecutivamente nos falham. Como fazer deserto na minha vida? Tenho coragem para ir para o deserto? De que iria sentir falta? E o que iria lá encontrar? O que teria de deixar morrer no meu regresso?

Diz a leitura do Evangelho que Jesus foi “tentado por Satanás, estava entre as feras”. Quais são as minhas tentações? Quais os meus demónios e que feras me rodeiam? Que resposta lhes dou? O que me impede de amar e viver uma vida em abundância?

“Os anjos serviam-no” - muitas vezes não reconhecemos quem nos ajuda. Quantas vezes preferimos não ser ajudados ou temos medo de pedir apoio? E eu sou para os outros suporte ou tentação?

Depois de João ter sido preso Jesus não ficou bloqueado pelo eventual receio de também ser preso. Quantas vezes só

avancei depois de constatar pelos outros que o caminho era seguro? Como está a minha Fé? Onde é que já dei passos de Fé? Consigo reconhecer os frutos desses passos?

Após quarenta dias no deserto este foi o sentimento mais forte que permaneceu: a necessidade de anunciar o amor incondicional de Deus por cada um de nós? Será que eu também sinto esta necessidade? Quais as minhas necessidades? Consigo identificar o anúncio de Deus nas minhas acções quotidianas?

“Arrependei-vos e acreditai no Evangelho” – De que me tenho de arrepender? Que passos tenho de dar para não o repetir? Será que eu acredito com “A” maiúsculo? Quais os reflexos na minha vida desta Fé?

Que caminhos são estes que o Senhor chamava Jesus a percorrer? Será que os quero seguir? De que preciso ser salvo? Muitas vezes precisamos de ser salvos de nós próprios. Serei eu também capaz de esquecer os meus pecados e delitos? E os dos outros? A quem preciso de perdoar?

Quantas vezes a imagem que nos fica dos outros é guiada por outros sentimentos que não o amor e a bondade, fazendo sobressair apenas o menos positivo. Em que reparo quando olho para alguém? Como tenho acompanhado o meu irmão? Tenho estado atento(a)?

Saber amar e saber perdoar

“ Por vezes existe como que uma mágoa secreta que nos persegue, e que vai espalhando as suas raízes na nossa profundidade interior, perturbando-nos e retirando-nos a serenidade, devido a algum ressentimento aguardado, alguma ofensa «engolida», alguma perda sofrida que não fomos capazes de superar.

Muitas vezes as nossas ansiedades transformam-se em medos ou fobias, em preocupações ou frustrações, em traumas e inseguranças, geradoras de mal-estar, que desequilibram emocional e afectivamente. Por isso sentimo-nos desgastados, vulneráveis, fragilizados... sem energia e, por vezes, ate mesmo escravizados.

Só na medida em que formos capazes de amar a realidade que nos feriu, através de um vivo sentimento de perdão, seremos capazes de voltar ao estado de paz original, que saudosamente recordamos, em vezes de remoermos o que nos aconteceu, o que só leva à mágoa.

O perdão é libertador e tem um poder terapêutico enorme, capaz de fazer experimentar o gosto da alegria de nos sentirmos libertos, autónomos, autênticos, assertivos e, por isso, felizes. Não podemos permitir que os nossos males passados nos continuem a deixar prostrados e nos roubem o entusiasmo pela vida, tornando-nos pessoas azedas e frias, quando temos uma vida para nos fazer apaixonar.

Devemos apaixonar-nos por cada instante do quotidiano, pelo brilho do sol, ou pelas ondas do mar, pelo encanto das manhas radiosas, ou pelo mais belo pôr-do-sol... pelo sorriso ou pelo toque que partilhamos, pela palavra que escutamos ou dizemos, pelo abraço que nos faz que nos faz sentir bem, pela ternura que sentimos e fazemos sentir...

A vida tem que ser acolhida, recebida, criada e recriada em cada instante, de forma a torná-la mais completa e saudável, cultivando a sua aceitação, através de uma aprendizagem feita de avanços e recuos, valorizando sempre o aqui e agora. A aceitação dos factos inevitáveis não nos deixa gastar energias inutilmente e permite-nos agradecer o que a vida dá, tornando-a mais fluida e positiva, olhando e valorizando o que temos e não desejando o que é dos outros.

O perdão libertador, nascido num coração que saber amar verdadeiramente, é tanto mais fácil e autêntico, quanto maior a capacidade de amar e mantém aberta a porta por estar, dando graças.

Esta gratidão pelo dom da vida que, gratuitamente, nos foi dado por Deus, abre-nos as portas ao princípio da partilha dos nossos talentos, postos a render em nosso serviço e ao serviço dos outros. ”

O Senhor toca a nossa vida e dá-nos uma nova perspectiva

Gen 22, 1-2.
9a. 10-13.
15-18

Sal 115, 10 e
15. 16-17.
18-19

Rom 8, 31b-
34

Mc 9, 2-10

«Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte elevado. E transfigurou-se diante deles. As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim. Apareceu-lhes Elias, juntamente com Moisés, e ambos falavam com Ele. Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: «Mestre, bom é estarmos aqui; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias.» Não sabia que dizer, pois estavam assombrados. Formou-se, então, uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e da nuvem fez-se ouvir uma voz: «Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o.» De repente, olhando em redor, já não viram ninguém, a não ser só Jesus, com eles. Ao descerem do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos. Eles guardaram a recomendação, discutindo uns com os outros o que seria ressuscitar de entre os mortos.» Mc 9, 2-10

**O Senhor toca a nossa vida e dá-nos uma nova perspectiva!
Qual a perspectiva que o Senhor me dá sobre o que me rodeia?**



Senhor toca a nossa vida e dá-nos uma nova perspectiva! As leituras do 2º Domingo da Quaresma mostram-me isso mesmo, a experiência que vou também fazendo na minha vida.

O Senhor permanece, o Seu amor, o Seu desejo de encontro, a Sua procura pela Humanidade capaz de O acolher trespassa toda a nossa história! A nossa forma de O entender e experimentar no presente é que vai mudando com os tempos... Jesus teve a capacidade de criar uma relação com o Pai que se tornou sempre actual e nova para qualquer fase da História. Foi novidade para a sua época, teria sido no tempo de Abraão e é hoje. A novidade reflectia-se no modo como amou a Sua vida e a dos outros... O AMOR é a novidade a que toda a Humanidade é e será sempre profundamente sensível! É a nossa essência, o nosso início e o nosso fim!

Sou capaz de descobrir a novidade deste Deus que quer estar presente no Amor que me envolve? Vejo aí a Sua presença, o Seu rosto?

Abraão, no seu tempo, “tocou” este Amor que é exigente, que implica perseverança, entrega... Levou-o muito a sério, na certeza que em primeiro lugar está o Amor a Deus, um Deus que acabou também por ir entendendo que no fim deseja sempre o melhor para a nossa vida. Abraão foi conhecendo este Deus ao longo da sua vida, um Deus exigente e profundamente amoroso. Possivelmente, também a perspectiva de Abraão foi mudando com o tempo e com a relação que foram construindo...

E eu, sou capaz de olhar para a minha história e compreender os passos que tenho dado na minha relação com o Pai? Qual é a evolução da minha relação com Deus? Cresceu? Decresceu? É certo que nenhuma relação fica em “águas paradas”...

A certeza do crescimento da relação com o Senhor é a alegria plena! Esta está reservada para os crentes! Este é o convite do Salmo 115. Acreditar e confiar no projecto que o Senhor tem para cada um traz fecundidade!

Paulo, nesta passagem de Coríntios, dá-nos a perspectiva do contexto que vivia. A urgência de anunciar a mensagem de Jesus era brutal. Hoje continua a ser! A união ao Senhor é tudo quanto precisamos! É a fonte da força necessária para levar Jesus a todos!

O episódio do Evangelho deste Domingo refere-se à transfiguração de Jesus. Conhecer Jesus, criar uma relação íntima com Ele é também deixá-lo transfigurar-se na minha vida! Pedro, Tiago e João foram-se tornando cada vez mais próximos Dele, mais íntimos e tocados por Ele...

De facto, da oração sobre estes textos lembra-me a situação daquele quadro onde está representado claramente um jarro e, com o tempo, esvaziando a cabeça das ideias pré-concebidas, compreendo que sempre estiveram perante mim, naquele mesmo quadro, 2 rostos, virados um para o outro... A perspectiva mudou e o que era óbvio já não o é e o que era invisível torna-se claro e real.

Quantas vezes sinto esta mesma sensação na minha vida? A situação é a mesma mas a perspectiva já não...

Que continue a caminhar no sentido de ter a perspectiva cada vez mais clara de Jesus na minha vida. Que continue na busca do Seu amor!

Jesus sempre foi o mesmo homem, com uma mensagem muito concreta fundada num amor maior. No entanto, parece que a Humanidade só em breves momentos da sua história e apenas alguns dos seus actores foram capazes de o compreender!



Perspectiva, in wikipédia

Perspectiva é um termo de significado amplo que possui as seguintes acepções, ainda que elas sejam bastante relacionadas umas com as outras.

Perspectiva (visão). É um aspecto da percepção visual do espaço e dos objectos nele contidos pelo olho humano. Depende de um determinado ponto de vista e das condições do observador. A perspectiva, neste caso, corresponde a como o ser humano apreende visualmente o seu ambiente, sendo confundida com a ilusão de óptica. Por exemplo, as linhas paralelas de uma estrada, relativamente a um observador nela situado, parecerão afunilar-se e tenderão a se encontrar na linha do horizonte. Vem do latim spec, que significa visão.

Perspectiva (gráfica). É um campo de estudo da geometria e, em especial, da geometria projetiva. É usada como método para representar em planos bidimensionais (como o papel) situações tridimensionais, utilizando-se de conhecimentos matemáticos e físicos, decorrentes do fenómeno explicado no tópico anterior, para passar a ilusão ao olho humano. Divide-se em várias categorias e foi desenvolvida pelos artistas no período de transição para o Renascimento.

Perspectiva (cognitiva). Na teoria cognitiva, é a escolha de um contexto ou referência (ou o resultado desta escolha) de onde se parte o senso, a categorização, a medição ou a codificação de uma experiência, tipicamente pela comparação com outra.

Loucura de Deus

- Ex 20, 1-17 «Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens.»
1 Cor 1, 22-25
Jo 2, 13-25
1 Cor 1, 25-25

«A lei do Senhor é perfeita,
ela reconforta a alma;
as ordens do Senhor são firmes,
dão sabedoria aos simples.

Os preceitos do Senhor são rectos
e alegram o coração;
os mandamentos do Senhor são claros
e iluminam os olhos.» Salmo 18 (19), 8.9.

Temos a liberdade para seguir a loucura de Deus... mas será que somos mesmo livres?

Conseguimo-nos libertar dos nossos medos e seguir os planos de Deus para nós?



vezes sem conta, vemo-nos perante situações em que somos livres para escolher o que fazer. Livres... pelo menos é o que nos parece! Mas, em grande parte dessas situações, acabamos por seguir opções que, no fundo, não nos fazem felizes. Como diz o Salmo, opções que não nos reconfortam a alma nem alegram o coração! Isto não significa que sejam escolhas fáceis nem mesmo claras, mas muitas vezes nem nessas somos fiéis.

Então porque não seguimos mais vezes estes caminhos que nos preenchem profundamente? Se calhar não somos assim tão livres!... O que nos condiciona então? Hoje em dia temos tanto na nossa vida, somos “seduzidos” de formas tão criativas para os mais variados caminhos, temos tantos desejos “humanos”, tantos objetivos pessoais, que nos esquecemos do essencial.

Aliás, preocupa-me que o essencial acabe por nos parecer “loucura” nos dias que correm, um “escândalo” numa sociedade em que os valores são outros que não os do Reino de Deus, uma utopia distante e impossível de concretizar. Passa tanto tempo sem que escutemos o sonho de Deus para nós (e, mais importante que escutar, dar passos efetivos para o seguir) que nos perdemos e gastamos nas tarefas da nossa vida. E a nossa vida quotidiana, os nossos objetivos individualistas, o nosso sucesso, passa a ser o essencial para nós. Temos objetos que nos “prendem”, carros, casas, pelos quais gastamos metade da nossa vida a trabalhar, níveis de conforto sem os quais parece que nos passamos a sentir miseráveis... Um certo filósofo fez um estudo em que confirmou o que todos sentimos um pouco: os bens materiais realmente não trazem felicidade extra, mas quando não os

temos, sentimo-nos mais infelizes! Pior ainda se tê-los é o padrão à nossa volta...

E com tudo isto parece-me que deixamos de ser livres! Livres para seguir a “loucura de Deus”, esquecendo-nos que ela é mais sábia e mais forte que os nossos planos individualistas. Quando fazemos aquilo a que Deus profundamente nos chama há algo em nós que, efetivamente, se ilumina.

No entanto, acho que até mesmo o nosso conceito de liberdade está baralhado hoje em dia. Jesus era profundamente comprometido ou, se quisermos, condicionado pelos planos de Deus. Mas para nós, hoje em dia, os únicos condicionantes que aceitamos na nossa vida são os que nos trazem algum benefício pessoal! Temos tanta dificuldade em limitar as nossas opções em nome de um bem maior, do bem comum...

A “loucura de Deus” não significa necessariamente largar tudo o que temos e mudar radicalmente de vida. Para mim, sinto que o desafio é mudar a forma como me relaciono com os outros, a importância que dou às suas vidas, a forma como me deixo limitar por tudo o que tenho e por tudo o que “sou” e que não me deixa ser mais atento às necessidades dos outros.

Cada um terá de encontrar o seu caminho, mas de uma coisa tenho a certeza: temos de desbravar novos caminhos, de lutar pelo Reino de Deus, para que as sementes que temos dentro de nós germinem e dêem fruto.

Oração

*Deus compassivo e bondoso,
criaste o mundo para ser partilhado por todos,
um mundo de beleza e abundância.
Cria em nós o desejo de viver de forma simples
para que as nossas vidas
possam espelhar a Tua generosidade.*

*Deus criador,
deste-nos a responsabilidade sobre a terra,
um mundo de riqueza e encanto.
Cria em nós o desejo de viver de forma sustentável,
para que aqueles que nos sucederem
possam gozar dos frutos da Tua criação.*

*Deus de paz e justiça,
deste-nos a capacidade de mudar,
de suscitar um mundo que espelhe a Tua sabedoria.
Cria em nós o desejo de agir em solidariedade,
para que os pilares da injustiça desabem
e aqueles que agora estão esmagados sejam libertados.*

Ámen

A missão de Jesus somos todos nós

2 Cr 36, 14-16.19-23

Salmo 136 (137), 1-2.3.4-5.6

Ef 2, 4-10

Jo 3, 14-21

“Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.” Jo 3, 16-17

«Deus enviou o seu Filho, para que o mundo seja salvo por Ele»

A causa de Jesus fomos todos nós: a missão de Jesus foi salvar o mundo. E a nossa? Qual é a nossa causa, ou a nossa missão? Como acolhemos a missão que Jesus nos dá?

“Mas quem pratica a verdade aproxima-se da Luz, de modo a tornar-se claro que os seus actos são feitos segundo Deus.”

Este Natal à mesa de almoço o meu sogro, que já foi “fiel à missa” e deixou de ser, mas gosta de pensar no porquê das coisas e o que andamos cá a fazer, perguntou-me: “Diz-me tu que acreditas em Deus, porque é que Deus pôs cá um filho. Filho de Maria e Filho de Deus. Não percebo porque não foi filho de José”.

Realmente Jesus é filho de Maria e filho de Deus, é Deus feito homem. É Deus connosco: Emanuel.

A conversa foi por aqui... “Jesus foi um homem especial como Gandhi e outros homens” dizia alguém.

“Porque Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.”

Há muitos Homens especiais como Gandhi ou Luther King que lutaram por uma causa, um país, um povo, normalmente pela “sua” causa. A causa de Jesus fomos todos nós, a nossa salvação.

“Se eu fosse Deus não teria feito o que Deus fez com Jesus. Não percebo porque Deus nos fez com uma lógica diferente da dele” continuava o meu sogro.

De facto a nossa lógica é diferente da de Deus. Acho que Jesus nos veio tentar explicar isso, mas nós como humanos nunca chegaremos ao pensamento divino. Como dizia o Padre Américo: “Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!” Deus tem algo que nós achamos louco, que não faz parte da nossa lógica, da nossa inteligência. A missão de Jesus foi salvar o mundo.

Não faz parte dos nossos objectivos salvar o mundo, talvez queiramos melhorar um pouco a comunidade que nos rodeia, mas sem pôr a nossa vida em risco.

A imagem de Cristo nas nossas igrejas é uma imagem um pouco louca: um homem crucificado! Para uma pessoa de outra religião que nunca ouviu falar de Cristo deve ser estranho ver um crucifixo. Porque é que Jesus se deixou crucificar? Isto para um homem não tem qualquer lógica. “Se és Filho de Deus, desce da cruz.” (Mt. 27, 40) diziam a Jesus quando este estava na cruz. Na nossa lógica ser Deus é fazer o que se quer, fazer o impossível.

Jesus veio trocar-nos as voltas. “o meu reino não é deste mundo; se meu reino fosse deste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu não fosse entregue aos Judeus, portanto não é daqui o meu Reino.”(Jo 18, 33)

*"Às vezes vem-me o tino;
a inteligência das coisas terrenas.*

*Nesta inteligência vejo os problemas de cada um:
as idades inquietas, as tendências;
e também o meu problema.*

*O que então se passa na minha alma é coisa
inenarrável.*

Entro a desfalecer. Mas isso dura pouco tempo.

Deus tira-me o tino e dá-me a Sua loucura.

*Os problemas de todos, e o meu também, ficam num
instante resolvidos.*

- Homem de pouca fé, porque duvidas?!

*Senhor de Misericórdia,
não retireis jamais da minha inteligência a loucura do
Divino!"*

Padre Américo

É o Senhor quem nos guia!

Jer 31, 31-34	“Dias virão, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova. Não será como a aliança que firmei com os seus pais(...) aliança que eles violaram(..) diz o Senhor. Esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel(...): Hei-de imprimir a minha lei no íntimo da sua alma e gravá-la-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. (...) Todos eles Me conhecerão, desde o maior ao mais pequeno, diz o Senhor. Porque vou perdoar os seus pecados e não mais recordarei as suas faltas.” (Jer. 31, 31-34)
Salmo 50 (51), 3-4.12-13.14-15	
Hebr 5, 7-9	
Jo 12, 20-33	

“ Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém Me quiser servir, que Me siga, e onde Eu estiver, ali estará também o meu servo. E se alguém Me servir, meu Pai o honrará.” (Jo 12, 24-26)

Como queres celebrar uma nova aliança, se, como diz a Tua Palavra, nós quebramos a aliança que já tinhas feito connosco?

O evangelho conta a parábola do grão de trigo e, para mim, hoje, vejo o Senhor a viver essa parábola em relação à minha vida - Ele dá-me tanto! E tem enterrado tanto na minha vida...

Que eu saiba Senhor dar: saiba dar-Te, saiba entregar-me, mesmo que muitas vezes não veja o fruto mas com a consciência de que o que se ama, nunca se perde...



ias virão” e esses dias são agora, são este tempo de quaresma e a celebração da Páscoa.

Esta leitura é tão bonita que vale a pena não passar por alto mas ver os detalhes de Amor do Senhor para connosco: “Não será como a aliança que firmei com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egipto...” é de um carinho! O Senhor firma uma aliança. Pensava no símbolo utilizado: a aliança. Não será por acaso que é este símbolo utilizado - pensava nas alianças dos casamentos: um círculo fechado, sem fim, que não é fácil romper (pelo menos o objecto físico); essa é a aliança que Deus quer estabelecer connosco.

Se virmos o significado de aliança no dicionário, encontramos: aliança como anel, (símbolo de união afectiva) e aliança como acordo (um pacto entre duas partes objectivando a realização de fins comuns). Esta aliança do Senhor é essa união afectiva, sem fim, sem quebra, e com objectivos comuns. Noutro dia eu dizia que escrever os meus desejos poderia não ser o mesmo que escrever os desejos de Deus para a minha vida e uma missionária disse-me logo: Porque não? E é verdade: porque não? Porque é que temos a tendência de achar que o que Deus quer para nós não corresponde aos nossos desejos mais íntimos?

Leva-nos pela mão para nos retirar do nosso Egipto, das coisas que nos escravizam, que nos tiram a liberdade... levar pela mão é fazer caminho com alguém; ao lado de alguém; é partilha, é apoio, é guia... Senhor, tenho deixado que me leves pela mão? Quero deixar que hoje me leves pela mão?

“Aliança que eles violaram, embora eu tivesse domínio sobre eles, diz o Senhor”. Senhor, em que alturas temos violado essa aliança contigo? Reparava no detalhe de “violaram” apesar de teres domínio, Tu não exerces esse domínio... Tu queres uma aliança proveniente de uma opção livre e dás-nos a liberdade de quebrar essa mesma aliança... todos se calhar temos experiencia de quanto custa quando alguém quebra uma relação connosco ou não corresponde na mesma medida do quanto lhe damos, e o quão difícil é respeitar a liberdade e opções do outro. E nós fazemos o mesmo com o Senhor...

Mas, hoje, queres estabelecer uma aliança nova, queres gravar no nosso coração a tua lei de amor. Tocavam-me novamente as palavras: gravar, é algo definitivo. Apesar de já termos falhado, tu queres voltar a estabelecer uma nova aliança definitiva connosco; queres amar-nos de tal forma que esse amor fique gravado, voltas a acreditar em nós!

“Todos me conhecerão..porque vou perdoar os seus pecados e não mais recordarei as suas faltas”.Este (acho) é o grande desejo do Senhor: que todos possam conhecer o Seu Amor. E aquilo que fará com que o conheçamos é o Seu perdão. Não são grandes milagres, coisas estrondosas, mas o grande amor que é preciso para se poder perdoar e não recordar as faltas - tantas vezes nos custa esquecer o passado e começar de novo sem deixar que as faltas do outro nos condicionem o olhar que temos e a relação que temos! Para mim tem sido um aprender com o Senhor a acreditar mais no positivo do outro, a deixar que o positivo seja mais forte que o negativo e a acreditar no potencial positivo do outro... nós normalmente temos a tendência de querer atirar o passado ao outro à mínima coisa do presente!

O desejo do Senhor é que todos O conheçam... Dava-me conta também estes dias de que, quando formulava desejos, o meu primeiro desejo para o outro tinha que ser também essa esperança de que um dia Te possa conhecer - isso é o fundamental!



Acolher Jesus

«Quando se aproximaram da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Eles, porém, insistiam com Ele, dizendo: Fica connosco; porque é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.» (Lc 24, 28-29)

Estamos mais inclinados a pensar que é Jesus quem nos convida a partilhar a sua casa, a sua mesa, a sua refeição. Jesus, porém, quer ser convidado. Se não o for, prosseguirá viagem, em busca de outros lugares. É muito importante percebermos que Jesus nunca nos força a aceitar a sua presença. A menos que nós o convidemos, continuará a ser um estranho, possivelmente um estranho muito atraente e inteligente, com quem podemos ter entabulado um diálogo interessante, mas que não deixa de ser um estranho...Sem um convite, que é expressão do desejo de uma relação perdurável, a boa notícia que ouvimos não poderá dar frutos duradouros...Só mediante um convite a «fica comigo», um encontro interessante se pode transformar numa relação transformadora.

Jesus é uma pessoa muito interessante; as suas palavras são cheias de sabedoria. A Sua presença aquece o coração. A Sua bondade e doçura tocam-nos profundamente. A Sua mensagem constitui um forte desafio.

Mas será que nós O convidamos para nossa casa?

Porventura queremos que Ele venha conhecer-nos entre as paredes da nossa vida mais íntima?

Porventura queremos apresentá-Lo a todas as pessoas com quem vivemos?

Porventura queremos que Ele nos veja na nossa vida quotidiana?

Queremos que Ele nos toque nos pontos em que somos mais vulneráveis?

Porventura queremos que Ele entre na arrecadação de nossa casa, nessas divisões que nós próprios preferimos manter seguramente fechadas à chave?

Desejamos verdadeiramente que Ele fique connosco quando vai caindo a noite e o dia já está no ocaso?

Henri Nouwen, em "Não nos ardia o coração"

parte II Semana Santa

Uma nova Semana Santa

Os seguidores de Jesus encontravam-se sempre com dificuldades para viver a fé. Hoje acontece o mesmo e será assim até ao fim.

Não são só dificuldades de fora, ainda que existam. Muitas são circunstâncias da própria fé.

Aquele que quer ser fiel ao Senhor, tem de viver uma busca permanente, sempre e no dia-a-dia. O caminho já percorrido no ano anterior não vale. Não podemos acumular rendimentos e fazer folga porque temos valores acumulados. Não podemos pensar que “esta situação, esta entrega, este acto generoso já o vivi profundamente o ano passado, este ano posso dispensar!”. Não, o seguimento renova-se cada dia.

Por isso, é importante situarmo-nos perante a Semana Santa com a atitude de começar de novo, em mais este ano, que não tem nada a ver com o anterior, nem com o de há 5 anos atrás. Este ano a vivência da Semana Santa é única e não a podemos perder porque é a que Deus quer para nós hoje.

Sinto que Jesus deseja que eu me situe como um papel “em branco”, sem preconceitos, sem medos, sem aflições, sem pressas. Com a minha vida aberta a seguir a Jesus passo a passo, sentimento a sentimento, dor a dor, amor a amor, nesta Semana tão importante para Ele e, portanto, tão importante para mim e para todos os que nos chamamos cristãos, ou seja, seguidores de Jesus.

Esta Semana Santa vou decidir não programar nada, não vou querer alterar o que falta, nem mudar uma determinada situação. O Senhor sabe o que eu necessito e eu quero estar aberto àquilo que Ele quer viver em mim.

Sinto com muita força que Ele precisa de mim para viver e actualizar hoje a Semana Santa, e que não quer dar-me um manual de instruções para o fazer. Só precisa de mim, da minha vida generosa e disponível, sem obstáculos nem desejos de eficácias.

É verdade que eu já sei muitas coisas da Semana Santa. São muitos anos desde que eu sou consciente da importância da mesma e que a tento viver bem. É suposto que na Quinta-feira Santa fiquemos contagiados da presença amorosa de Jesus Eucaristia e que, como Ele, queiramos partir e repartir a nossa vida como alimento para muitos. Na Sexta-feira Santa desejamos estar perto de Jesus para O acompanhar no caminho até à cruz. Queremos experienciar a Sua dor e viver as dificuldades da vida como a cruz que também nós levamos. Assim, parecemo-nos mais com Ele. No Sábado Santo ficamos perto de Maria na tristeza de ter perdido Jesus de maneira tão injusta.

Tudo isto é mais ou menos o modo como eu vivo a Semana Santa... Mas este ano não vou pensar em nada disto e vou deixar-me surpreender por Jesus para a viver como Ele considera que é melhor para mim.

Se tu que estás a ler esta introdução queres fazer o mesmo, penso que Jesus ficará contente de ter a possibilidade de actuar neste tempo com liberdade na nossa vida. Com certeza que a Sua intervenção vai ser mais eficaz comparando com os momentos em que queremos fazer tudo pela nossa própria conta.

Devemos continuar na busca de Jesus durante a Semana Santa, não para recordar os episódios ou por ser o expectável. É para viver aqui e agora a partir da minha vida, para construir o hoje.

Um homem tinha uma grande doutrina que guardava cuidadosamente na algibeira interior do seu casaco, para tê-la perto do seu coração. Um dia, a sua mulher convenceu-o para que o colocasse num quadro para pôr no salão da casa.

Ao ver, os amigos disseram: “isso é algo demasiado valioso para estar aí, o melhor é pôr numa caixa forte num banco”. Assim fez. Agora estava segura, mas ninguém a podia ver.

Um dia apareceu Alguém que lhe diz: “Aquele que quiser guardar uma palavra que a coma, que a faça correr pelas veias do seu corpo, que a incorpore a cada passo do seu caminho, e a cada bater do seu coração, que a viva e só assim não se irá perder.”

Parábola anónima



Nascer, morrer... e ressuscitar!

Is 50, 4-7	«O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba amparar, com uma palavra, os que andam extenuados. Todas as manhãs, Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos.» Is 50, 4
Salmo 21	
Fl 2, 6-11	
Mc 14, 1-15, 47 ou Mc 15, 1-39	«Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da Sua igualdade com Deus, mas esvaziou-se de Si próprio, assumindo a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens rebaixou-se a Si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome (...)» Fl 2, 6-11

Como é que aquele ferido, agonizante, desprezado pode ser Deus?!... Como?!...

No Domingo de Ramos, somos confrontados de novo com esta dupla realidade: Jesus aclamado na entrada em Jerusalém e, pouco tempo depois, condenado, flagelado, crucificado... É o mesmo homem, é o mesmo Deus!

O nosso Deus é desconcertante... A vida nova que Ele nos dá está tanto na cruz como na Ressurreição. Este é o segredo que só os discípulos descobrem – aqueles que O seguem, os que estão muito com Ele, os que O ouvem. Como Maria, com Maria: ela acreditava que Deus cumpre sempre o que promete e que para Ele não há impossíveis!

Só a fé nos pode dar este olhar sobre a realidade.



omecei a rezar estas pistas no presépio... Parece estranho, mas é verdade! Este ano, descobri uma imensa proximidade entre as palhas da manjedoura e a cruz; entre o Menino Jesus, bebé frágil, acabado de nascer e o Jesus adulto, sofredor, prestes a morrer no Calvário. Para esta ligação muito contribuiu Maria, a Mãe. O presépio lá de casa só tem duas peças: José, de pé, e Maria, de joelhos, com Jesus ao colo. Olhando essa figura de Maria, vinha-me à ideia a “Pietá”: a mesma Mãe, 30 anos mais tarde, com o Filho morto no regaço. O mesmo olhar de ternura, a mesma estupefação, o mesmo “Faça-se”...

Tinha ouvido, uns dias antes, uma conferência do P. Carlos Carneiro, jesuíta (1); ele dizia, a dada altura, mais ou menos isto: um bebé não é um Deus credível, tal como um homem morto numa cruz não o é. Como é que aquela criança pode ser Deus?!... E eu perguntava-me: e como é que aquele ferido, agonizante, desprezado pode ser Deus?!... Como?!...

De facto, o nosso Deus é desconcertante; mas não é contraditório. Os caminhos Dele não são os nossos, os Seus critérios não são os da nossa lógica humana.

No Domingo de Ramos, somos confrontados de novo com esta dupla realidade: Jesus aclamado na entrada em Jerusalém e, pouco tempo depois, condenado, flagelado, crucificado... É o mesmo homem, é o mesmo Deus! O nosso olhar é que é curto e não alcança o que Ele quer mostrar. Só o silêncio, a contemplação do mistério, a disposição para escutar e acolher – como Maria – nos podem ensinar a acreditar neste Deus e a viver com Ele.

O texto de Isaías chama-nos a atenção para o facto de a nossa missão estar diretamente ligada à nossa capacidade de escuta (“escutar”, “falar”, “amparar”). Como Maria, pensava eu... Mostra-nos também a missão como um dom, não como um fardo; um privilégio, não uma tarefa a cumprir; uma “graça”, afinal. E diz-nos que Deus não desiste! “Todas as manhãs, Ele desperta os meus ouvidos”; todos os dias Ele me fala; momento após momento, situação a situação, Ele acompanha a minha vida.

E ainda que me pareça que Ele não está, Ele está! Ainda que eu não veja, há estrelas na noite, há sol para além das nuvens, há vida na morte, há redenção no sofrimento, há eternidade no tempo, há Deus na pobreza da gruta de Belém, no quotidiano de Nazaré, na angústia de Getsemani, no tormento do Calvário... e na pedra afastada do sepulcro! Este é o segredo que só os discípulos descobrem – aqueles que O seguem, os que estão muito com Ele, os que O ouvem.

Jesus foi “obediente até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o elevou acima de tudo (...)”. Só a fé nos pode levar a ver, para além de todas as crises, a esperança, a possibilidade de recomeçar; para além do pecado, o perdão e paz; para além da cruz, a Ressurreição. Só a fé nos pode dar este olhar sobre a realidade – por vezes, tão dura! – dos nossos pequenos mundos e da Humanidade.

Maria foi dita “feliz” porque acreditou (2): acreditou que aquela criança que segurava ao colo era Deus e que o filho que jazia, morto, nos seus braços, era o mesmo Deus. E que havia de ressuscitar, porque o dissera! Ela já se tinha habituado a lidar com este Deus que pede coisas embaraçosas e perturbadoras, mas que cumpre sempre o que promete; este Deus para quem não há impossíveis!

*Senhor! Fazei de mim um instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive para a vida eterna.*

São Francisco de Assis (1182-1226)

(1) "O Natal que Maria não esperava" - Colégio São João de Brito, Lisboa, 13.12.2011

(2) "Feliz de ti, que acreditaste: irá cumprir-se tudo o que te foi dito da parte do Senhor."

Lc 1, 45

Marcas de Vida

Ex 12, 1-8. 11-14 «Comê-la-eis desta maneira: os rins cingidos, as sandálias nos pés, e o cajado na mão. Comê-la-eis à pressa. É a Páscoa em honra do SENHOR.» Ex 12, 11

Sal 115, 12-13. 15-16bc. 17-18 «Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.» 1COR11, 26

1 Cor 11, 23-26

Jo 13, 1-15

«Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. (...) Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, e levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» JO 13 1-15

As leituras da Quinta-feira Santa falam-me de momentos de transição e de memória. O povo que se prepara para sair do Egito e Jesus que se prepara para regressar ao Pai. Nas duas situações somos convidados a assinalar este momento pela eternidade (1COR11, 26).



O gesto de Jesus é difícil de compreender à luz dos nossos valores, na nossa sociedade em que existe uma hierarquia mais ou menos formal em todos os locais. A diferença do seu gesto é a marca de um amor profundo em que a dado momento as palavras se tornam insuficientes e surge o apelo da ternura. O cuidado com que despiu a túnica e preparou a toalha, a forma como percorreu um a um os seus apóstolos... Aquilo a que na comunidade nos habituamos a designar por “marcas de vida”. O que é isto? Se todos fizermos memória do que já vivemos vamos relembra todos os que de alguma forma deram a vida por nós. Um professor, um catequista, um familiar que partiu, um padre... Nesse momento não nos lembramos das palavras mas dos gestos, ou até a forma como nos marcaram e ajudaram a ser o que somos hoje. Poderá até ser uma frase seca, mas o que nos marcou foi a forma e o amor que aí colocaram, a maneira como nos falaram. Hoje temos pouco tempo para festejar a vida. Para transformar e transmitir o que amamos em momentos solenes.

O povo de Deus foi convidado a matar um cordeiro, a juntar-se, a passar o sangue no umbral da porta. Não são gestos vazios, mas de quem se prepara para enfrentar as dificuldades do deserto. Nos 40 anos que se seguiram, muitos terão recordado o quão importante foi a promessa de Deus, o que sentiram quando matavam o cordeiro e a alegria que foi ao conhecer a liberdade que Deus lhes prometeu. São

momentos particularmente importantes nas horas de maior angústia. Um dos mecanismos mentais que tenho quando algo me corre mal é pensar precisamente num momento em que senti “marcas” na minha vida. A forma como Deus cuidou de mim no passado. Nessas alturas penso Nele, mas também nos que Ele já chamou e que me marcaram. Onde estão? Continuarão a olhar por mim? Quando eu partir que marcas vou deixar? Que gestos concretos faço à minha volta para manifestar o amor que sinto? Mas o que me aflige mais não é o amor que sinto, mas o que não chego a sentir pelos que acho que não valem o esforço de serem descobertos: os que me são indiferentes. Talvez ache que sou superior, que isto de lavar os pés não faz muito sentido. Recentemente ouvi um anúncio divertido na rádio: um estagiário pede ao chefe para lhe tirar um café e este tem uma explosão de espanto. Nada mais cómico e ao mesmo tempo mais contrastante com a realidade de Jesus. Porque terá Ele guardado este gesto para a véspera da sua paixão? Como poderíamos explicar este gesto senão à luz de toda a sua vida? Apenas assim o gesto se tornou compreensível para os apóstolos e mesmo assim com resistências.

Esta Páscoa gostaria de conseguir marcar os que estão à minha volta com um gesto de ternura. De festejar a saída dos nossos pais do Egito com marcas de vida na vida dos que amo e tenho possibilidade de amar.

O homem é sonhador, ambiciona coisas grandes.

Talvez porque pense que só se realiza no que é espectacular. Vistoso.

E, no entanto, é na grandeza das coisas pequenas que está a realização cabal do Homem.

Quem começa por sentir-se humilde é que é capaz de subir às mais altas montanhas.

Afinal, é no átomo, no pequeno micróbio

e na célula

que Deus Criador depositou as suas maravilhas...

Autor desconhecido.

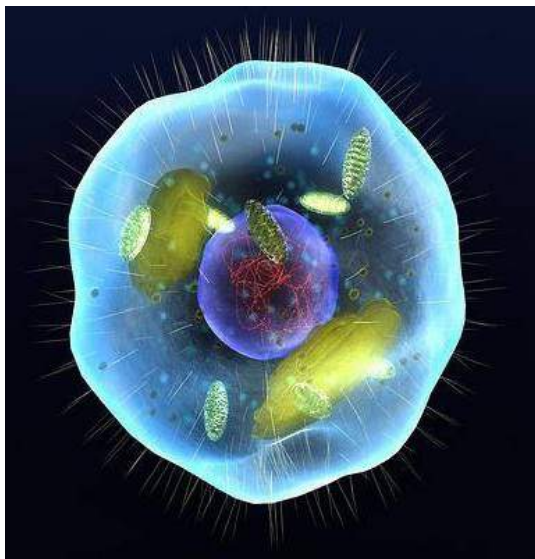


Imagem de uma célula humana

A firmeza no serviço e na missão

Isaías 52,13-53,12 «Olhai o meu servo terá êxito, será muito engrandecido e exaltado; por causa dos trabalhos da sua vida verá a luz.» Is 52

Salmo 30, 2.6.12-13.15-17. 25 «Nas tuas mãos entrego meu espírito, Senhor, Deus fiel, salva-me; Tende coragem e fortalecei o vosso coração todos vós que esperais no Senhor» Sl 30

Hebreus 4, 15-16; 5, 7-9 «Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu; e tornado Perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna.» Hb4

João 18, 1-19, 42 «Assim se cumpria o que dissera antes “Dos que me deste, não perdi nenhum”; “Mete a espada na bainha. Não hei de beber do cálice da amargura que o meu pai me ofereceu?”» Jo18

Sempre caracterizamos a Quaresma na fé cristã como um tempo de reflexão, de contenção, enchida de uma conotação triste e lamuriosa... não se pode pôr flores na igreja, não se pode comer carne às 6^{as} feiras... mas sejamos sérios e vamos ao fundo da questão: Porque fazemos Quaresma?!



endo estas breves linhas, uma vez mais encontro na Palavra do Senhor uma resposta encantadora:

Porque, perdidos na rotina do quotidiano, perdemos a capacidade de parar e voltar às origens: escutar o Pai e abrir as portas do meu coração para “beber do cálice da amargura que o Pai me oferece”. Nesta Quaresma decidi explorar esta ideia: Se Deus é Pai, e nós somos irmãos, hei-de procurar rezar e compreender mais a fundo este verdadeiro significado de “Irmão fraterno”...

Quando eu era pequenina, na catequese, nesta altura costumavam dar-me um papel com uma estrada feita de tijolos, os meus pés estavam desenhados numa ponta da estrada, e a imagem de Jesus estava na outra ponta de braços abertos pronto para me abraçar. Diziam-me que, nesta altura de Quaresma, tinha de fazer tantas boas acções quanto os tijolos daquela estrada, e por cada boa acção podia pintar um tijolo de forma a chegar mais perto de Jesus. Sim, parece um pouco ridículo precisar de pintar tijolos para alcançar alguém que se encontra em todo o lado e até dentro de mim, mas aquilo fazia-me imenso sentido... e eu enchia-me de boa vontade e ânimo porque adorava fazer boas acções e pintar o máximo de tijolos até chegar a Páscoa. Hoje perdi esse costume, que pena, porque perdi também o costume de me preocupar na Quaresma. Atrevo-me a dizer que houve anos em que até me passou um pouco ao lado... que pena, as oportunidades que eu perdi... e a missão que o Pai tinha para mim foi-se lixiviando nessas oportunidades desperdiçadas porque não parei e não Lhe abri o meu coração...

Hoje rezo: Pai dá-me as forças para continuar a ser fiel a Ti e à missão que tens para mim.

Em Ti encontro coragem e força para “não perder nenhum”, nenhum irmão que precise de mim, mesmo que o caminho seja “amargo”.

Acredito que, por mais difícil que pareça, tenho de me esforçar por “trabalhar”, por persistir, por acreditar que, por causa dos “trabalhos da minha vida”, verei a Luz e darei a Luz a outros, porque sou Tua apóstola querida, Tua testemunha...

Em tempos difíceis e de desespero circunstanciais do dia-a-dia, entrego nas mãos do Pai o meu espírito... Ele me dará a força e coragem que espero. Saibamos abrir-Lhe o nosso coração esta Quaresma...

Escuta-O, procura-O, deixa-O entrar “obedecendo” aos seus desejos, sendo Seu instrumento... encontrando a nossa missão... Assim os “trabalhos” do dia a dia terão mais sentido, mais significado, mais relevância e carinho, por mais angustiantes que sejam os tempos. Temos o dever de continuar a servir os outros, a família, os amigos, o trabalho, os nossos irmãos, dando sempre tudo o que somos, porque somos especiais! Deus Pai quer-nos tanto... fortalece-nos tanto... O meu espírito Nele revitaliza-se para dar mais de mim, para não desistir, para “não perder nenhum”...

Deus engrandece-me e ajuda-me a exaltar com um choque de auto-estima porque Nele eu sinto-me um “Servo com êxito”, e sinto o orgulho quando ultrapasso os meus limites... Sinto-me “salva” e, por isso, Lhe obedeco... porque sei de coração que Nele reside o meu caminho para a felicidade...

Os caminhos do Pai estão aqui, presentes, hoje! Custa, eu sei, não é fácil... mas entrega o teu espírito ao Pai... sente a Sua força e ganha coragem obedecendo-o e sendo seu discípulo... O trabalho ganha mais sentido quando assim o fazemos e aí, de certa forma, reside a nossa salvação...

- Terei a capacidade, esta Quaresma, de parar e entregar meu espírito a Deus Pai? (Procura ferramentas para o fazer)
- Conseguirei esta Quaresma descobrir o sentido de “Fraternidade?”
- Partilha a tua capacidade de ser “servo do Senhor” praticando o que te pareça fazer chegar mais próximo do Seu abraço... vai pintando pedras da calçada...



"A vida ensinou-me que as pessoas são amigáveis se eu sou amável;

que as pessoas são tristes, se estou triste;

que todos me querem, se eu os quero;

que todos são ruins, se eu os odeio;

que há rostos sorridentes, se eu lhes sorrio;

que há faces amargas, se eu sou amargo;

que o mundo está feliz, se eu estou feliz;

que as pessoas ficam com raiva quando eu estou com raiva;

que as pessoas são gratas, se eu sou grato.

A vida é como um espelho: se sorri para o espelho, ele sorri de volta.

E, assim, a atitude que eu tome perante a vida é a mesma que a vida vai tomar perante mim."

Mahatma Gandhi

Procurais Jesus? (A Firmeza) Ressuscitou! (A Esperança)

Gn 1,1-2,2 «Deus achou que tudo aquilo que tinha feito era muito bom» Gn2

Gn 22,1-18 «Através dos teus descendentes se hão-de sentir abençoados todos os povos do mundo, porque tu

Ex 14,15-14 obedeceste à minha ordem» Gn22

«Tu, levanta a tua vara e estende-a sobre o mar. O mar irá abrir-se, para que os filhos de Israel o possam atravessar a pé enxuto.» Ex14

Br 3,9-15,32-4,4 «Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será

Ez 36, 16-33 abalado e a minha aliança de paz nunca mais vacilará. Quem o diz sou eu, o Senhor, que te ama» Is54

Rm 6, 3-11 «Procurem o Senhor, uma vez que o podem encontrar; invoquem-no uma vez que está perto

Mc 16, 1-8 de vós.» Is55

«Se tivesses seguido o caminho de Deus, terias habitado em paz eternamente.» Br3

«Vou dar-vos um novo coração e um novo espírito. Em vez do vosso empedernido coração de pedra, vou dar-vos um coração humano obediente.» Ez36

«Pelo batismo, fomos sepultados com Cristo e tornámo-nos parte na sua morte. Assim podemos viver também uma nova vida à semelhança dele que ressuscitou da morte pelo poder divino do Pai.» Rm6

«Quem nos há-de rolar a pedra que está na entrada do túmulo. (...) Saíram do túmulo a correr, pois estavam a tremer de espanto. E não contaram nada a ninguém de tão assustadas que estavam.» Mc16

Deus criador, bondoso, fiel, da promessa, da aliança, salvador, misericordioso, amoroso, que alimenta em abundância! Deus da alegria, da paz, da vida eterna, da luz, da verdade... Deus connosco... Jesus!

Fazer este caminho, através da Palavra abundante da Vigília Pascal, ajuda-nos a olhar para a história da humanidade, para a história de Deus com o mundo e com o seu povo, para a história de cada um, e de cada um com Deus Pai. O Deus que se alegra porque vive entre nós... através de Jesus ressuscitado... através de cada pessoa que acolha esta vida maior do que a morte.

Fazer umas pistas para a Vigília Pascal? A maior noite do ano Cristão? Nós? Não era melhor ser alguém que saiba? Foi o que nos passou primeiro pela cabeça. Rezámos o Evangelho. E de imediato nos identificámos com as mulheres que ainda no caminho já diziam “(...) Quem nos há-de rolar a pedra que está na entrada do túmulo? É que a pedra era enorme.” (Mc 16,3-4). É isto que sentimos muitas vezes, que Jesus está inacessível, que as pedras que temos que rolar para chegar à verdadeira comunhão com o ressuscitado são gigantescas, pesadíssimas e impossíveis para os nossos fracos ossos.

Depois, mais para a frente, outra dificuldade diária: o anúncio da palavra. Tal como as mulheres “saíram do túmulo a correr, pois estavam a tremer de espanto. E não contaram nada a ninguém de tão assustadas que estavam.” (Mc 16,8) Parece que também nos assustamos com a grandeza da descoberta e nos custa a transmiti-lo ao próximo. Será que o podíamos fazer de outra forma? Talvez mais explicitamente? E como é que descobrir que Jesus venceu a morte e o mundo, nos

ajuda, concretamente, a viver um tempo tão conturbado como o actual?

Mas a Vigília Pascal tem 8 leituras e mais uns quantos salmos! É toda a história da salvação. Decidimos ler todas, pois, apesar de as conhecermos, queríamos que o Senhor nos falasse de novo através delas. E Ele começou por nos dizer que, terminada a Criação, “Deus achou que tudo aquilo que tinha feito era muito bom” (Gn 1,31). Não estava “benzinho” ou “porreiro” e muito menos “nada mal”, expressões tão portuguesas para coisas que até podem ser verdadeiramente grandes. Estava muito bom. E nós, humanidade, estávamos lá incluídos. Eu, tu, o nosso vizinho do lado ou o motorista do autocarro.

Mas o Senhor acrescentou: “Através dos teus descendentes se hão-de sentir abençoados todos os povos do mundo, porque tu obedeceste à minha ordem.” (Gn 22, 18). Estas palavras dirigidas a Abraão são ao mesmo tempo fantásticas e uma grande responsabilidade: pela fidelidade de Abraão, a bênção do Senhor chegará ao coração de todos os Homens, através de nós, seus descendentes. Outra vez a urgência do anúncio da palavra!

Mas para nos sentirmos com força para tão hercúlea tarefa, Ele ordena: “Tu, levanta a tua vara e estende-a sobre o mar. O mar irá abrir-se, para que os filhos de Israel o possam atravessar a pé enxuto.” (Ex 14,16). Aquilo que só por nós é impossível, com Deus torna-se realidade. Em que situações concretas experimentamos isto? Para quais necessitamos de acreditar verdadeiramente nisto para que as consigamos superar?

“Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado e a minha aliança

de paz nunca mais vacilará. Quem o diz sou eu, o Senhor, que te ama” (Is 54,10) Por que nos custa tanto acreditar verdadeiramente nisto? A força que nos daria no nosso dia-a-dia se o fizéssemos!

“Procurem o Senhor, uma vez que o podem encontrar; invoquem-no uma vez que está perto de vós.” (Is 55,6). Talvez a chave para “rolar a pedra” com mais facilidade, para entrar em comunhão com o ressuscitado é procurar por ele mais perto. Onde?

A sorte é que o Senhor nos ajuda sempre: “Vou dar-vos um novo coração e um novo espírito. Em vez do vosso empedernido coração de pedra, vou dar-vos um coração humano obediente.” (Ez 36,26). E pode ser que assim consigamos ver melhor o caminho de Deus, aquele que se tivéssemos seguido “terias habitado em paz eternamente.” (Bar 3,13)

Estas pistas não pretendem ser um exercício de procura de uma ligação entre todas as leituras. A própria palavra acabou por nos conduzir desta forma, tocando o nosso coração através dos excertos que transcrevemos.

Há muitos anos, em Vale de Lobos, uma missionária dizia-nos “ser cristão é ser outro Cristo!”. Entre o choque inicial e a descoberta do que é ser “outro Cristo” que temos vindo a fazer desde esse dia, assentam forte estas palavras de S. Paulo: “Pelo batismo, fomos sepultados com Cristo e tornámo-nos parte na sua morte. Assim podemos viver também uma nova vida à semelhança dele que ressuscitou da morte pelo poder divino do Pai.” (Rom 6,4).

Para que vida nova quero ressuscitar nesta Páscoa?

COMUNIDADE EM FESTA !!!

Estamos em Festa !...

...porque é tempo de Páscoa, de celebrar a Vida...

...porque continuamos a caminhar...

...porque Jesus está vivo em nós, nos outros, naquilo que vamos construindo juntos...

Mas por vezes esta Festa parece tão esquecida no meio das nossas (muitas) ocupações, cansaços, guerras (as “nossas” e as do Mundo), sofrimentos...ou simplesmente porque a vida “não nos corre como gostaríamos”.

Alguém disse “A religião cristã é uma religião de Alegria. O Evangelho é uma boa Nova e, apesar do nosso aspecto por vezes um tanto fúnebre, somos mensageiros da alegria, testemunhas da Ressurreição”.

É este o desafio que Deus Pai nos lança hoje, aqui e agora, neste tempo Pascal: Sejam mensageiros da Alegria e construtores de Vida, porque acreditamos na Ressurreição de Jesus! Acreditamos que é este o “segredo” que faz valer a pena viver uma vida nova, que este é o caminho de Amor capaz de “curar” os males do Mundo e nos tornar mais felizes (e não é o que todos desejamos?).

**Jornal da Catequese “O Mundo de Jesus”
Abril 1999**

parte III

50 anos
na Tua Palavra

Somos muito pobres quando deixamos de agradecer

É bom sonharmos com mais e vivermos desinstalados a ponto de irmos crescendo ao longo da vida, mas se não somos agradecidos por tudo e por nada, vivemos permanentemente insatisfeitos...

Normalmente associamos sermos agradecidos a coisas boas que nos acontecem porque ninguém é masoquista a ponto de se lembrar de agradecer as coisas más que lhe acontece, só que talvez aí esteja o equívoco... porque nem só o que é bom, nos convém...

Li uma frase muito boa noutro dia que diz: “O importante não é ter boas cartas na mão mas saber jogar bem com um mau jogo”. Isto tem muito que se lhe diga porque mais do que conseguir que a vida nos corra sempre bem, a sabedoria está em valorizar tudo o que nos é dado viver, mesmo as coisas más.

É difícil não constatar como amadurecemos depois de ultrapassarmos fases complicadas e é impossível não admitir que nos acomodamos quando a vida nos corre às mil maravilhas...

Só que, graças a Deus, “o amor e o agir andam sempre juntos” e não é possível amar muito se não sairmos da sombra da bananeira... Amar é exigente, implica darmos de nós mesmos e não cruzar os braços nunca! Os casados têm as caras-metades a chamá-los constantemente à razão, os pais não se libertam dos pedidos dos filhos...

E das duas, uma: ou vivemos permanentemente numa atitude de agradecimento e entrega aos outros ou vivemos

constantemente a cobrar gestos de amor e insatisfeitos...

Mas a alegria é ver como ao “dar se recebe” e como as vidas que transbordam para os outros, as vidas cheias de vida e de amor, não se esgotam, não fartam, cansam mas trazem alegria, são vividas com preocupações mas estão carregadas de sentido...

Não ver em cada pequeno gesto algo por que agradecer, é muito triste... é esvaziar a vida que, em si mesma, é um milagre de ponta a ponta!

No limite, na vida do dia-a-dia, nada é um dado adquirido, nada nem ninguém é garantia de nada nem de ninguém.

O futuro só a Deus pertence mas todos os momentos que vivemos agora, antes e depois, a quem pertenceram na verdade? A Deus igualmente, à sorte que nos calhou termos nascido um dia, estarmos vivos!

Neste aspecto, ter fé é um privilégio sem igual.

Ser simples a ponto de tudo agradecer, ser humilde para viver com alegria facilidades e entraves, é um enorme testemunho de sabedoria que Jesus nos deixou...

Saibamos então crescer neste saber acolher a vontade de Deus nosso Pai e deixemo-nos contagiar pela alegria que só uma vida entregue e amada pode trazer!

Se isto não é amor, então o que é?

O amor e o agir andam sempre juntos. Porque o amor torna-nos inventivos na arte de fazermos sentir a outro quanto o amamos. Também como David gostaríamos de fazer muitas coisas para Deus. Que a fé enchesse o coração de mais homens e mulheres, que a justiça triunfasse sobre as desigualdades e a pobreza, que a Igreja fosse ainda mais sinal da comunhão de Deus connosco, que cada um de nós praticasse mais o perdão e o diálogo. E, sem esquecer isto, talvez seja ocasião, como fez o profeta Natan, de lembrarmos o que Deus tem feito por nós! Há no musical “Um violino no telhado” um diálogo admirável de um casal, Tevye e Golde, em que a mulher, questionada pelo marido se ela o ama, recorda tudo o que lhe tem feito e dado, das calças lavadas ao comer de cada dia, das discussões às filhas que têm, e termina perguntando “se isto não é amor, então o que é?”. Somos muito pobres quando não valorizamos o que recebemos, e quando deixamos de agradecer.”

P. Vítor Gonçalves in VOZ DA VERDADE 18.12.2011

Felicidade e Fidelidade

Gostaríamos tanto de alcançar a felicidade e esquecemos, por vezes, que ela se constrói com fidelidade. Uma fidelidade feita de vida dada, raramente num único momento, mas aos bocadinhos, gota a gota, como quando damos sangue que vai levar vida a alguém. Fidelidade à palavra e à responsabilidade, a valores que combatam uma economia desumanizada e uma injustiça acomodada.

P. Vítor Gonçalves in VOZ DA VERDADE 22.01.2012



1º Ano Jubilar da Verbum Dei; a sua história enraizada na minha

- Lc. 4, 17-21; «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor. Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: «Cumriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.» (Lc 4, 18-21)
- Is. 61, 1-2;
- Lv. 25, 8-19

Primeiro Jubileu da Fraternidade Missionária Verbum Dei.

O que celebramos? Porque celebramos? Como celebramos?

O que é que cada um de nós já recebeu deste carisma? O que é que tenho que, e para, agradecer?

O que é que ainda tenho de construir em mim que já tenha recebido deste carisma?

1. O que celebramos?

Conheço a comunidade desde o momento da sua fundação. Estava aqui a acabar a catequese quando 3 jovens missionárias Verbum Dei chegaram a Portugal em 1977: Ventura, Luisa e Manoli.

Com 14 anos, estive no meu primeiro grupo de jovens. A minha primeira animadora foi a Ventura.

Cada um de nós tem razões para agradecer o facto de se descobrir membro, amigo, próximo desta comunidade.

Hoje é um dia em que podemos fazer memória do que, nesta comunidade, neste carisma em concreto, Deus nos transformou, nos curou, nos capacitou.

Cada um de nós tem razões muito concretas para estar aqui, para pertencer a esta comunidade.

Pessoalmente, foi nesta comunidade que descobri Deus como Pai. Que me encontrei com Jesus de Nazaré.

Foi também aqui que percebi que o que sou não depende das minhas circunstâncias: quando muito, as minhas circunstâncias condicionam as minhas respostas ou a minha fidelidade.

Foi ainda nesta comunidade que encontrei quem quisesse desenhar comigo um projeto de casal para irmos construindo um amor e uma família que possa ir sendo, cada vez mais, o reflexo do rosto amoroso de Deus.

Quando celebro, vejo o que tenho. E, com isso, descubro o que ainda me falta. Mas partindo sempre do que tenho, do que é a minha realidade.

- O que é que cada um de nós já recebeu deste carisma? O que é que tenho que, e para, agradecer? O que é que ainda tenho de construir?

O dia 17 de Janeiro é o aniversário da criação do 1º núcleo de vida em comum dum grupo de missionárias. Já o 25 de Março é a solenidade da Anunciação (quando Maria aceita ser mãe de Jesus) e é a festa do Verbum Dei.

As origens da celebração do ano jubilar remontam ao Antigo Testamento.

- A lei do jubileu: estabelece uma norma revolucionária. No ano jubilar, cada família recupera a sua propriedade familiar e, com ela, a possibilidade de começar de novo (Lv. 25, 25-28); numa sociedade agrária possuir terra era algo vital.

- A lei do perdão: «Cada sete anos perdoarás as dívidas» (Dt. 15, 1-2). [...]

- A lei da liberdade: o recuperar da liberdade ao fim de sete anos era uma forma de solidariedade entre os membros do povo de Israel.” – da carta de Antonio Velasco à Família Missionária Verbum Dei.

Dar o primeiro passo perdando. Criar um clima de liberdade. Recuperar a minha liberdade para que os outros possam ser livres, para criar liberdade para os outros.

- Qual é a terra que tenho de recuperar? O que necessito fazer para que isso aconteça?

- O que me impede de ver no outro um irmão? O que me leva a fazer aceção de pessoas?

- Quais são, hoje, as minhas prisões? De que é que necessito de me libertar?

Este é o fundamento da razão por que celebramos: hoje, mais do que nunca, nestes últimos anos, neste tempo marcado por esta crise, por esta desesperança. Nós podemos ser os que constroem este “ano jubilar”, esta nova forma de

ser e de construir o mundo. Tenho de olhar e identificar as novas formas de pobreza. Tenho de perceber o que cega, nos dias de hoje, o meu irmão.



Somos nós hoje que pegamos nas Escrituras, a lemos e a temos de proclamar. É nossa, hoje, a responsabilidade de: anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar a libertação aos cativos e a visão aos cegos, e mandar em liberdade os oprimidos. E é bem necessária.

Esta atitude, de em todos ver um irmão (mesmo aquele sujeito que me despediu), com o mesmo direito que eu a conhecer Aquele que dá sentido à vida, implica uma transformação radical do coração, da mente e da intencionalidade.

Tudo o que faço, tudo o que vivo, tem uma intencionalidade. E muitas vezes o que faço mascara, ou contraria a minha intencionalidade: quantas vezes me levanto de manhã mas a minha verdadeira intenção era ficar na cama...

Essa transformação da minha intencionalidade só pode ser feita pelo Espírito Santo e só ocorre se nos relacionarmos pessoalmente com Jesus.

2. Porque celebramos?

Se a realidade está assim tão complicada e se tanta gente está a sofrer porque é que celebramos? Que razões existem para celebrar?

Há algum tempo atrás pediram-me para fazer uma dedicatória para um amigo que ia completar 40 anos. Partilho convosco o que escrevi nessa altura:

“Um bom momento para pousar a “mochila” no chão e aproveitar para descansar do caminho. Oportunidade para olhar para trás e ver tanta estrada percorrida e tantos obstáculos superados. Tempo de agradecer os momentos em que a beleza se impôs nos passos diários – por vezes, monótonos. Ocasão de tocar nas cicatrizes feitas com as quedas inesperadas. Instante para aceitar a sabedoria que só o recomeçar alcança.

Mas o melhor deste momento é o reencontrar o olhar daqueles que seguem no mesmo caminho e saber que a continuação do caminho promete ser melhor – mais exigente, talvez mais cansativa, mas esperançadamente melhor. Alicerçar o recomeço na força e no amor de Deus.

E, então, continuar. Passar para a frente no caminho, ser o passo que marca o ritmo, que suporta os que vão necessitando de ajuda neste percurso comum. Com uma única certeza: que o caminho não se faz de forma solitária mas solidária e que a felicidade se conquista em cada passo dado rumo à eternidade.”

3. Como celebramos?

a) Fazendo memória

Fazer memória é identificar o caminho já feito. É poder olhar para trás e recordar o meu ponto de partida. Mas sobretudo é descobrir a presença constante, amorosa e fiel deste Deus que é Pai e que quer que me descubra filho, mas um filho adulto.

- É fundamental fazer memória do que já vivemos pessoal e comunitariamente com o Pai, Jesus, o Espírito e com Maria. Que momentos são essenciais na minha vida?

b) Assumindo viver no quotidiano o nosso carisma.

“Orar a Palavra, assimilando-a até fazer dela a nossa própria vida, transformando-nos nela e ensinando-a assim a todos, para que também estes a rezem, a vivam e a ensinem vivencialmente aos outros.” (CFMVD nº10)

“Estamos chamados a ser «humanos» como Jesus, «filhos» como Jesus, «fraternos» como Jesus e, como Ele, somos chamados a deixar que o Reino aconteça através do nosso viver, sentir e atuar.” – do texto Intencionalidade Missionária da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa

“A «comunhão com os Seus sentimentos» levar-nos-á, com Jesus e como Jesus, a ser «irmãos adultos» capazes de se aproximarem de cada homem e de cada mulher – reconhecendo em cada um/a o «irmão» a quem o Pai nos envia para lhe oferecer «a Sua Boa Notícia».” – do texto Intencionalidade Missionária da Família Missionária Verbum

Dei de Lisboa.

“Deus salva. O Pai ama-nos. O Reino de justiça, de amor e de paz é a oferta de Deus para nós hoje (CFMVD nº30). Esta oferta tornar-se-á presente – no meio de nós - na medida em que a vivamos.” – do texto Intencionalidade Missionária da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa

- Como é que neste ano posso aprofundar a vivência do carisma, pessoal e comunitariamente?

“Um soar de trombeta ressoa nos nossos corações: é o chamamento a que acolhamos a Palavra de Deus e a que nos ponhamos a caminho, buscando que o amor de Deus transforme toda a nossa vida e possamos ser seus colaboradores na construção dum mundo mais fraterno.” – da carta de Antonio Velasco à Família Missionária Verbum Dei

“A recriação que pressupõe um tempo jubilar capacita-nos para nos abirmos e vivermos um futuro sem medos. A celebração deste jubileu deve olhar, também, para o futuro e não só como motivo de celebração mas em decisão de compromisso.” – da carta de Antonio Velasco à Família Missionária Verbum Dei.

O Filipe Pardal, Missionário Verbum Dei, costuma dizer: “Deus não escolhe os capazes. Capacita os que escolhe!”.

Pistas dadas por António Azevedo por ocasião dos 50 anos da Fraternidade Missionária Verbum Dei

Somos a primeira pessoa do plural

Estamos tão perto uns dos outros. Somos contemporâneos, podemos juntar-nos na mesma frase, conjugarmo-nos no mesmo verbo e, no entanto, carregamos um invisível que nos afasta. Ouvimos os vizinhos de cima a arrastarem cadeiras, a atravessarem o corredor com sapatos de salto alto, a sua roupa molhada pinga sobre a nossa roupa a secar; ouvimos a voz dos vizinhos de baixo, dão gargalhadas, a nossa roupa molhada pinga sobre a roupa deles a secar; cheiramos as torradas dos vizinhos do lado, ouvimo-los a chamar o elevador e, no entanto, o nosso maior problema não é apenas não nos reconhecermos na rua. O nosso problema grande é estarmos convencidos que os problemas deles não nos dizem respeito. A nossa tragédia é acharmos que não temos nada a ver com isso.

Há três ou quatro anos, caminhava com um conhecido no aeroporto. De repente, ouviu-se um estalido. Ele agarrou-se ao peito com as duas mãos, caiu de joelhos e, pálido, esperou por morrer. Não morreu. Tinha-lhe rebentado um isqueiro no bolso da camisa. Aliviado, encostado a um balcão, a beber um copo de água, explicou que esse ardor repentino e esse susto pareceram-lhe um ataque cardíaco. Nunca tinha tido um ataque cardíaco antes, por isso confiou em descrições vagas, a que nunca tinha realmente prestado muita atenção.

Há alguns anos também, talvez um pouco mais do que três ou quatro, tinha acabado de participar num jantar cordial, reconfortante. Toda a gente estava bem disposta, à porta dos anfitriões, longa despedida, graças, à espera de táxi. De repente, tocou o telefone de um senhor com quem tinha estado a conversar durante todo o serão. Ninguém reparou nesse telefonema até ao momento em que o senhor começou a chorar convulsivamente. Ficámos todos a olhar sem saber

como chegar até ele. Tínhamos braços, estendíamos-los na sua direcção, mas continuavam distantes.

Irritamo-nos com a existência uns dos outros. Fazemos sinais de luzes àquele homem com setenta anos, num carro dos anos setenta, que anda a setenta quilómetros por hora na auto estrada. Contrariados, esperamos por aquela pessoa que atravessa a passadeira, enchemos as bochechas de ar e sopramos. Impacientes, batemos no volante. Daí a minutos, depois de estacionarmos o carro, somos essa pessoa a atravessar a passadeira. Da mesma maneira, daqui a algum tempo, não muito, seremos esse homem com setenta, dos setenta, a setenta. O tempo passa. Se deitarmos lixo para o chão, alguém o apanhará.



Um amigo que teve um AVC, que passou por uma reabilitação profunda, que enfrentou a morte e a paralisia, depois de anos de fisioterapia, depois de esforço gigante e sofrimento gigante, falou-me da forma como esse susto muda tudo. Passa-se a apreciar aquilo que realmente importa. A imensa maioria das preocupações transformam-se em luxos ridículos, desprezíveis, alimentados pela cegueira. Após essa experiência de quase morte, ganha-se uma nitidez invulgar, que, no entanto, esteve sempre lá. Para percebê-la, bastava levar a sério a promessa de transitoriedade de tudo e, também, levar a sério essa palavra, esse planeta: o amor. Ao ouvi-lo, fui capaz de entender aquilo que dizia. Depois, também fui capaz de entender quando me disse: mas, sabes, ao fim de algum tempo, esquecemo-nos, voltamos a tomar tudo por garantido e voltamos a cometer os mesmos erros.

Repito para mim próprio: estamos tão perto uns dos outros. Não há nenhum motivo para acreditarmos que ganhamos se os outros perderem. Os outros não são outros porque levam muito daquilo que nos pertence e que só pode existir sendo levado por eles. Eles definem-nos tanto quanto nós os definimos a eles. Eles são nós. Eles somos nós. Se tivermos essa consciência, podemos usar todo o seu tamanho. Mesmo que pudéssemos existir sozinhos, de olhos fechados, com os ouvidos tapados, seríamos já bastante grandes, mas existe algo muito maior do que nós. Fazemos parte dessa imensidão. Somos essa imensidão que, vista daqui, parece infinita.

José Luís Peixoto, in revista Visão (Dezembro 2011)

«O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»
(Lc 4, 18-19).

Queridos irmãos e irmãs da Família Missionária Verbum Dei:

Durante cinquenta anos o Espírito Santo tem vindo a gerar a Verbum Dei na força da Palavra de Deus. Nascido da misericórdia e compaixão de Deus Pai para com os seus filhos, o carisma Verbum Dei foi sendo concebido a partir do convite pessoal de Jesus ao Padre Jaime Bonet, fundador da Verbum Dei, para levar a Sua Palavra e, com ela, o amor de Deus a todas as gentes.

Desta chamada temos beneficiado todos nós, membros da Família Verbum Dei, que, a partir de diversas vocações e estados, partilhamos a mesma espiritualidade e missão. Desde a criação do primeiro núcleo de vida comunitária das missionárias, a 17 de Janeiro de 1963, a Palavra de Deus ilumina a nossa identidade e o nosso desejo de consagração a Deus, a partir da própria vocação, e congrega-nos numa mesma família missionária.

Na Sua Palavra queremos cimentar a nossa vida, pois nela a nossa existência encontra a vida e o amor de Deus. Nela e por ela, a nossa vida torna-se plena e feliz, numa plenitude que só se alcança peregrinando na Palavra. Pela graça da Palavra, a nossa vida torna-se fecunda, para além das evidências negativas ou limitações que questionam cada dia a nossa existência. Só nela, na sua força, a nossa vida

pode ser fiel de forma feliz, com uma fidelidade que não é estática, mas que cresce de fé em fé, à força de esperança, impulsionada por uma caridade sempre nova, que ultrapassa todas as mortes.

Com esta carta desejo inaugurar o Ano Jubilar da Verbum Dei, o 50º aniversário da sua fundação. Este tempo peculiar de graça durará de 17 de janeiro de 2012, aniversário do primeiro núcleo de vida em comunidade na Verbum Dei, até 25 de março de 2013, solenidade da Anunciação e festa da Verbum Dei. Neste dia celebramos o “Sim de Maria” pelo qual o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf. João 1,14).

Para toda a Verbum Dei será uma ocasião propícia para fortalecer as nossas raízes, aprofundar o nosso carisma, dá-lo a conhecer e projetá-lo para o futuro. Este tempo oferece uma oportunidade especial a cada um dos membros da Família Missionária Verbum Dei para nos sentirmos parte de uma família universal. Uma família com raízes claras e com uma biografia onde se manifestou generosamente a ação e o amor de Deus. Uma história claramente afetada pelos limites da nossa condição humana, mas, com maior certeza ainda, abraçada pela graça de Deus, que iniciou e dará cumprimento à Sua obra (2 Tess 1,11).

Rogo a Deus de todo o coração, que neste Ano Jubilar da Verbum Dei o Senhor nos conceda bênçãos de todo tipo, nos faça fortes na Sua graça, agradecidos e generosos na nossa dedicação missionária.

Antonio Velasco Jiménez

Presidente da Fraternidade Missionária Verbum Dei

Excerto da carta à Família Missionária Verbum Dei (FaMVD)

Roma, 1 de janeiro de 2012, festividade de Santa Maria, Mãe de

Deus

«Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras» (Heb 10, 24)

“ (...) A atenção ao outro inclui que se deseje, para ele ou para ela, o bem sob todos os seus aspectos: físico, moral e espiritual. Parece que a cultura contemporânea perdeu o sentido do bem e do mal, sendo necessário reafirmar com vigor que o bem existe e vence, porque Deus é «bom e faz o bem» (Sal 119/118, 68). O bem é aquilo que suscita, protege e promove a vida, a fraternidade e a comunhão. Assim a responsabilidade pelo próximo significa querer e favorecer o bem do outro, desejando que também ele se abra à lógica do bem; interessar-se pelo irmão quer dizer abrir os olhos às suas necessidades. A Sagrada Escritura adverte contra o perigo de ter o coração endurecido por uma espécie de «anestesia espiritual», que nos torna cegos aos sofrimentos alheios. O evangelista Lucas narra duas parábolas de Jesus, nas quais são indicados dois exemplos desta situação que se pode criar no coração do homem. Na parábola do bom Samaritano, o sacerdote e o levita, com indiferença, «passam ao largo» do homem assaltado e espancado pelos salteadores (cf. Lc 10, 30-32), e, na do rico avarento, um homem saciado de bens não se dá conta da condição do pobre Lázaro que morre de fome à sua porta (cf. Lc 16, 19). Em ambos os casos, deparamo-nos com o contrário de «prestar atenção», de olhar com amor e compaixão. O que é que impede este olhar feito de humanidade e de carinho pelo irmão? Com frequência, é a riqueza material e a saciedade, mas pode ser também o antepor a tudo os nossos interesses e preocupações próprias. Sempre devemos ser capazes de «ter misericórdia» por quem sofre; o nosso coração nunca deve estar tão absorvido pelas nossas coisas e problemas que fique surdo ao brado do pobre. Diversamente, a

humildade de coração e a experiência pessoal do sofrimento podem, precisamente, revelar-se fonte de um despertar interior para a compaixão e a empatia: «O justo conhece a causa dos pobres, porém o ímpio não o compreende» (Prov 29, 7). Deste modo entende-se a bem-aventurança «dos que choram» (Mt 5, 4), isto é, de quantos são capazes de sair de si mesmos porque se comoveram com o sofrimento alheio. O encontro com o outro e a abertura do coração às suas necessidades são ocasião de salvação e de bem-aventurança.»

Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2012



Ser feliz

Ser feliz não é ter uma vida isenta de perdas e frustrações. É ser alegre, mesmo quando se chora. É viver intensamente, mesmo na cama de um hospital. É nunca deixar de sonhar, mesmo se tiver pesadelos. É dialogar consigo próprio, ainda que a solidão o cerque.

É ser sempre jovem, mesmo com os cabelos a embranquecer. É contar histórias aos filhos mesmo que o tempo seja escasso. É amar os pais, mesmo que eles não o compreendam. É agradecer muito, mesmo quando as coisas correm mal. É transformar os erros em lições de vida.

Ser feliz é sentir o sabor da água, a brisa no rosto, o cheiro da terra molhada... É tirar das pequenas coisas grandes emoções. É encontrar todos os dias motivos para sorrir, mesmo que não existam grandes acontecimentos.

É não desistir de quem se ama, mesmo que haja decepções. É ter amigos para partilhar as lágrimas e dividir as alegrias. É agradecer a Deus pelo espetáculo da vida.

Augusto Cury

Dez leis para ser feliz

Peregrinação interior

A minha relação com Deus só tem uma explicação se for a história de uma relação. Nada teve de abstrato. Ela foi movimentada e complexa como um itinerário (...). De resto, hoje estou absolutamente seguro de que uma relação com Deus é fundamentalmente uma biografia.

Não creio que no caminho que tenha seguido haja qualquer coisa de especial ou de surpreendente, além da especialidade e da surpresa naturalmente inerentes a um caminho de homem que procura ser livre. (...)

O certo é que a gente procura resolver o enigma da nossa angústia interior com a explicação da estrutura profunda da unicidade e do mistério do homem, mistério que, nessa altura, deixaria de o ser. Hoje acredito que, mais do que tentar uma explicação para a nossa geral estrutura interior, é necessário viver um clima e uma vocacionada aventura de descobridor, criar uma tal relação connosco, com os outros e com as coisas que nos torne capazes de descobrir as nossas relativas “relatividades”, o que simultaneamente nos torna mais humildes e mais importantes.

António Alçada Baptista

Peregrinação Interior (vol. I – Reflexões sobre Deus)

Próximas Actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Fev 24 a 26** Retiro de Silêncio de Quaresma (Vale de Lobos, 21h)
- Fev 28 a Mar 1** Retiro On-line
- Mar 3 a 4** Formação de Acompanhamento (Vale de Lobos, 9h30)
- Mar 4** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15)
- Mar 9 a 11** Retiro de silêncio de Quaresma (Vale de Lobos, 21h00)
- Mar 17** Caminhos.com – 4ª Sessão (Casa da Palavra, 10h30-18h)
- Mar 17** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h00)
- Mar 17 a 18** Encontro de casais de Oeiras (Vale de Lobos)
- Mar 17 a 18** 3ª Formação – Bíblia (Vale de Lobos, 9h30)
- Mar 31 a 4 de Abril** Peregrinação de Jovens Fraternos Verbum Dei
- Abr 1** XXVII Dia Mundial da Juventude
- Abr 5 a 7** Páscoa Fraterna (Casa da Palavra, hora a confirmar)
- Abr 15** IX Jornada Diocesana da Juventude
- Abr 17 a 18** Retiro On-line
- Abr 21** Caminhos.com – 5ª Sessão (Casa da Palavra, 10h30-18h)
- Abr 21** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h00)
- Abril 28 a 29** 2º Encontro Crisma (Vale de Lobos, 08h30)
- Mai 12** Encontro de Movimentos "Juntos pela Europa" (Castelo de São Jorge, 10h)

Mais informações em www.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Fraternidade Missionária Verbum Dei

Rua José Lins do Rego, 7 - 1ºdto. 1700-262 Lisboa
Tel: 00351 21 7950957

Vale de Lobos
Tel: 00351 219624284

verbumdeilisboa@gmail.com
www.verbumdei.org/lisboa
www.jovens.vebumdei.org